Bullying e ambiente escolar: a necessária educação do afeto e das afetações

Neura César – UFRGS

Dr^a em Psicologia Social e Institucional – UFRGS – POA/RS e UPF – Barcelona – Es
E-mail: neurafma@yahoo.com.br
Fone: (51)99977-5366

Marivone Mai – UFRGS

Esp. em Orientação Educacional (UCB-DF)
E-mail: maimarivone661@gmail.com
Fone: (51)99114-5740

Data de recepção: 07/05/2015

Data de aprovação: 14/08/2015

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar o *bullying* sob a ótica dos sentimentos. O artigo traz os achados de uma investigação mais ampla levada a efeito e concluída em 2010, na Universidade Federal do Mato Grosso, intitulada “*Bullying*: preconceito, estigmas e desafios da educação para a paz”, realizada com atores escolares – estudantes, professores, gestores, funcionários e famílias – sobre sua percepção das consequências do fenômeno *bullying* na escola. É discutida neste artigo especificamente a importância da educação dos sentimentos na construção de uma escola mais humana. Demonstrem, num primeiro momento, as definições de *bullying*, os personagens envolvidos e como eles se apresentam no cotidiano escolar, bem como as suas causas e consequências. Num segundo momento, apontam-se algumas alternativas de intervenção envolvendo toda a comunidade educativa, para que crianças e jovens, que sofrem ou causam o *bullying*, possam orquestrar e superar o problema, ou seja, reger seus sentimentos e emoções na relação que estabelecem com o outro. O artigo se inspira na metáfora da orquestra, pensando a escola como uma grande orquestra e a comunidade educativa com o papel de regentes da vida dos seus integrantes.

Palavras-Chave: *Bullying* – Violência – Afeto – Sentimentos – Escola

1. Este texto é uma versão do capítulo: “Bullying e ambiente escolar: a necessária educação do afeto e das afetações”. “p.49-59”

Introdução

Com frequência os noticiários veiculam graves cenas de violência ocorridas no cotidiano escolar, envolvendo crianças e jovens, tais cenas têm nos deixado atônitos. Esses episódios apontam para a urgência de uma reflexão mais profunda sobre a natureza humana bem como para a necessidade de se pensar em propostas que contribuam nas mudanças das relações de violência explícita, as quais têm afetado particularmente nossas crianças e jovens. Nesse cenário, um fenômeno antigo, com roupagem nova dentre as manifestações de violência física e moral, tem crescido muito. Essa forma de violência, que ocorre muitas vezes de maneira sutil e/ou implícita, refere-se a um problema entre as relações interpessoais, cujas intenções e causas podem ser de ordem intrapessoal.

Nesse sentido, caracterizemos *bullying* como uma forma de violência. Embora tenha estado sempre presente no contexto escolar, somente agora ele vem despertando o interesse de pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento científico. Esse interesse recente deve-se ao fato dessa prática ser disseminada em todas as sociedades do mundo, o que o torna um fenômeno global. Por essa razão, ele necessita ser tratado em sua especificidade e amplitude. É um termo atual que requer ser olhado com prioridade para que não seja naturalizado ou se torne apenas mais um modismo. Assim, tratar de *bullying* é escancarar um fenômeno que muitas vezes se oculta no silêncio temeroso e submisso das vítimas e se manifesta nas fissuras do domínio arguto do agressor.

Na maioria das escolas, lamentavelmente, não se considera os casos de *bullying* na sua dimensão psicológica ou de sua particularidade, mas sim, como indisciplina, incivilidade, como atos que ferem as normas escolares e as regras de boa convivência. Pensamos ser importante considerar a origem desse fenômeno sob a perspectiva pessoal, o qual pode emergir na e da pessoa, contudo, que assume uma dimensão pública quando entra em jogo a humilhação, o desdém, a exposição e o menosprezo com o outro de forma repetida, diferenciando-se enormemente da indisciplina e incivilidade, que são questões particulares entre as crianças e necessitam serem pensadas por outro viés.

A orquestração do *bullying* no cotidiano escolar requer o envolvimento de toda a comunidade educativa. As sugestões de intervenção que serão mencionadas posteriormente referem-se à ação deste todo, compartes que têm a responsabilidade pela qualidade das relações que aí se estabelecem. Essas intervenções conjuntas poderão favorecer uma evolução dessas crianças e adolescentes, levando-os a serem melhores para si mesmos. Além disso, poderá favorecer no reconhecimento de quem são e quais são suas possibilidades. Assim, faremos uma intervenção não apenas em sua vida escolar, mas também em sua vida pessoal, favorecendo o autoconhecimento, o controle emocional e a evolução pessoal.

1. O que é *Bullying*?

É uma prática de violência? Ou é um conflito? Muitos autores o consideram como conflito (TOGNETTA, 2008; FANTE, 2005). A definição de *bullying* adotada por alguns autores (OLWEUS, 1998; COSTANTINI, 2004) diz que é um termo em inglês que compreende todas as formas de atos agressivos entre alunos. No Brasil, por falta de uma definição específica caracteriza-se como intimidação, maus tratos entre pares. Fante (2005, p. 27) o define como o “desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão”, entre outras acepções do termo encontradas na literatura nacional e internacional.

Assim, o *bullying* apresenta as seguintes peculiaridades: ações agressivas intencionais e repetidas, praticadas por um ou mais estudantes contra outro ou outros. Seu caráter é intencional, sendo esta a característica principal que o diferencia de outros acontecimentos cotidianos que acontecem de vez em quando, tais como chamar a uma amiga de 'magricela' ou apelidar a outra colega de 'negrinha'. Essas brincadeiras cotidianas ou verbalizações comuns entre as crianças e jovens são diferentes. Os atos de *bullying* são pensados, calculados e praticados repetidas vezes com uma mesma pessoa, indo além do tom de brincadeiras.

A caracterização como *bullying* contempla a repetição dos atos agressivos. Para tanto, Olweus (1998) distingue como ação *bullying* quando se repete no mínimo de três a cinco vezes com a mesma pessoa. Já outros autores determinam quatro tipos de agressão ou mais para a caracterização. No entanto, uma única agressão pode afetar a autoestima e deixar marcas profundas na vida de uma criança, impedindo-a de ir à escola, segundo uma pesquisa sobre *bullying* (CÉZAR, 2010). Dessa forma, o ponto alto desses atos se trata de acusações, agressões intencionais e repetidas tendo sempre uma vítima como foco.

O *bullying* é um fenômeno tão antigo quanto a escola. Se recorrermos à memória de infância e adolescência, muitos de nós podemos ter sido vítima de *bullying* ou até mesmo agressores. No entanto, os estudos sobre essa temática são relativamente novos no âmbito da educação e também da Psicologia. Hoje, a Psicologia tem se dedicado a entender as causas desse tipo de violência específica que acontece entre pares, entre iguais.

Os atos de *bullying* referem-se aos danos físicos, morais e materiais sofridos por uma pessoa ou por um grupo, assinalados como “insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, agressões individuais ou em grupos que hostilizam e infernizam” (FANTE, 2005, p. 29). Além disso, roubar pertences do outro, ameaças que ocorrem nos recreios ou na saída da escola, sendo as mais comuns: “Se você quiser entrar no meu grupo tem que pagar o lanche?” ou “Hoje, você vai apanhar na saída!”

No cenário do *bullying*, os papéis se dividem, tradicionalmente, entre o agressor e a vítima, vítima/agressor e expectadores. Estes últimos podem também ter sua autoestima afetada negativamente. Quem são os agressores e o que eles têm em comum?

Eles são comumente sarcásticos, zombadores, fisicamente bem dotados, líderes do grupo, com postura prepotente e buscam todas as formas dominar a vontade do outro. Pela astúcia, identificam as principais dificuldades físicas ou afetivas que suas vítimas sofrem, tornando seus alvos. Em geral, impõem sua autoridade, seja através do medo, pelas ameaças morais ou força física. São hábeis e astuciosos no planejamento das numerosas possibilidades para cumprir seus planos e para atacar vítimas indefesas (TOGNETTA, 2009).

Para Fante (2005), os agressores podem ser identificados pela observação das seguintes características e sinais: apresentam ar de superioridade, muitas vezes são astuciosos e regressam da escola com roupas sujas, amarrotadas. Apresentam atitude hostil e desafiante com os pais, e com os irmãos, e podem chegar a atemorizar-lhes com força física. Portam objetos e dinheiro que não são justificados. Se questionados, “de quem é esse boné?” e/ou “onde você conseguiu esse dinheiro?” Respondem: “ganhei do meu amigo”. Exteriorizam ou tentam exteriorizar sua autoridade sobre alguém. Não admitem perdas ou erros, têm a verdade, estão sempre certos e são sempre superiores.

Quem é a vítima? Normalmente, as vítimas são descritas pelos autores como tímidas, sensíveis, caladas, ansiosas, introvertidas, inseguras de sua autoimagem e de seus gostos, com menos força e poder de persuasão e sedução que o agressor. Apresentam o físico mais frágil, sendo consideradas mais apática. Segundo Fante (2005), as diferenças de cultura, raça, religião, peso e estatura também, muitas vezes, podem ser aproveitadas pelos agressores como sinais potentes para desafiar-las e atacá-las. Têm medo de revidar, não denunciam, não contra-atacam, por vergonha ou por temer represálias ou por insegurança.

A vítima é eleita pelo agressor da seguinte forma: Ele astuciosamente dá ênfase exatamente aos atributos que fazem a pessoa se sentir constrangida e humilhada (TOGNETTA, 2009). Por exemplo, aquela menina a quem chama de “magricela” e/ou “esqueleto”, é assim apelidada por ser muito magra; aquele menino que foi apelidado de “mole”, de “tartaruga”, é porque ele não conseguia copiar rápido e ficava atrasado; outros de “tampinha”, por ter baixa estatura; de “negão”, por serem de raça negra; de “sorriso maroto”, por ter falhas nos dentes; de “narigudo”, de “horroroso” (CÉZAR, 2010, p. 174). A lista é interminável. Tais atitudes não se justificam e têm como base a intencionalidade e a repetição dos atos

agressivos.

Em relação à faixa etária para se tornar agressor, segundo a pesquisa da ABRAPIA (2004), a prática de *bullying* pode ocorrer a partir dos três anos de idade. Tognetta (2009) esclarece com base em estudos de Psicologia que mais ou menos aos dois anos de idade há uma primeira tomada de consciência de “quem sou eu”, separados de outros Indivíduos, como a mãe. Assim, de acordo com os autores, há de fato a possibilidade de com apenas três anos de idade, uma criança ser vítima de *bullying* ou de ser agressor.

Exemplificando, citamos a investigação já mencionada sobre *bullying* no ambiente escolar (CÉZAR, 2010, p. 130), em que foi identificado que uma criança com três anos já era acompanhada pelo conselho escolar, psicólogos e assistentes sociais da escola por cometer atos de *bullying*, com verbalizações do tipo “*Eu bato mesmo, não tenho dó*” (J, 03 anos, Escola) confirmado pela fala de sua professora: “*Já feriu a boca de um coleguinha com uma barra de ferro*” (L, 32 anos, Escola). A questão consiste em observar, que nesses casos específicos de atos *bullying*, envolvendo crianças de até oito ou nove anos, os atos são muito mais físicos e o agressor não mede as consequências dos próprios atos, por não possuir maturidade. Já entre adolescentes, como o pensamento é mais formal, pode ser que as agressões ocorram tanto pela violência verbal quanto física. Vale lembrar que essas condutas se tornarão mais frequentes quando estiverem na escola, em que as relações entre pares são mais intensas e cotidianas.

Os sinais mais comuns que indicam que uma criança ou adolescente está sendo vítima de *bullying* são: dores de cabeça frequentes, pouco apetite, dores no estômago, enjoos, vômitos, febres, tonturas, sempre próximos aos horários de ir para a escola (FANTE, 2005). Guareschi (2008) explica que esses meninos e meninas podem parecer angustiados, temerosos, ansiosos, inseguros, deprimidos e infelizes, demonstrando falta de vontade criando desculpas para não irem à escola. Como consequência, em geral, têm baixo conceito de si, poucos amigos, baixo rendimento escolar, trocam de escola com frequência, mudam o trajeto escolar com medo de sofrer represálias dos seus agressores. Costumam pedir dinheiro extra à família ou furtam para se verem livres de seus atacantes. Apresentam roupas rasgadas, machucados no corpo e seus materiais escolares são constantemente danificados. Sofrem alterações frequentes no humor e explosões de irritação. Sem contar, que esse quadro pode trazer consequências mais graves, como depressão, neurose, histeria, dificuldade de fazer escolhas. Adotam o papel de vítima quando adultas, nos relacionamentos interpessoais (COSTANTINI 2004).

Assim, Fante (2005) e Tognetta (2009) ressaltam que a violência dessas situações cotidianas torna-se uma carga pesada demais para as crianças e adolescentes envolvidos. O grande perigo é que no auge de sua angústia utilizem como única válvula de escape a tentativa de homicídio ou cometer suicídio: “*Com essa faquinha eu pretendia cortar o meu pulso longe de casa, porque eu estou enjoado da minha vida, sabe [...] pensei várias vezes: hoje eu me mato.*” E ainda diz: “*Quando eu completar dezessete anos, eu quero matar todos que mexeram comigo, eu vou matar um por um*” [...] (P, 9 anos, 3º ano), [CÉZAR, 2010, p. 174]. Assim, a violência incita à violência. Matar ou matar-se é o caminho para se libertarem do intenso sofrimento. “*Quero matar essa dor que está aqui dentro de mim*” (*Idem*). Não seria exagero nenhum afirmar que o *bullying* corrói a autoestima e destrói

o desejo de viver que é próprio do ser humano. A vida dessas crianças já não tem grande importância.

Compreendido o que é o *bullying*, faz-se necessário compreender quais são as suas causas e consequências. Para essa finalidade, recorre-se a algumas discussões de autores do âmbito da psicologia, educação, comunicação, biologia e neurociência, trazendo elementos reflexivos sobre a importância da educação dos sentimentos para orquestrar essa prática cruel.

2. Causas e consequências do fenômeno

Quais são as razões que movem a pessoa, no caso do *bullying*, a agir com agressividade na relação com o outro e/ou aceitar a condição de vítima? Essa é talvez a indagação principal que norteia nossas discussões quando debatemos a respeito da questão da violência, mais especificamente sobre o *bullying*. Embora possam ser múltiplas as causas, vamos citar as que julgamos mais relevantes. Uma das causas que parece explicar o *bullying* pode estar ligada à dificuldade de reconhecer as próprias emoções e sentimentos. Tognetta (2009, p. 172) diz também que pode ser um “problema ligado à constituição de ‘quem sou eu’ ou até mesmo de ‘quem eu desejo ser’”. Isso se refere às imagens que se têm de si, às representações de nós mesmos. Sabemos que o contexto cultural e os grandes ídolos fabricados pela sociedade e pelas mídias em geral não podem ser desconsiderados, conforme apontaram estudos de ciências como a sociologia, a psicologia moral, a antropologia e outras. Sobre esse ponto, insiste Tognetta (2009) que a dificuldade parece situar-se na constituição da identidade do sujeito, nas representações de si (LA TAILLE, 2002) e, podemos ainda dizer, no desconhecimento das emoções e sentimentos (FERRÉS, 2014).

Do ponto de vista afetivo, esses autores supracitados falam que as imagens ou representações de si ou o desconhecimento do universo emocional, podem favorecer a formação de vítimas ou de agressores. Eles defendem que tal condição pode levar a pessoa a ser passiva e conformada com a realidade ou agressiva, impondo sua força para menosprezar, comprovando a si mesma que ela é a ‘melhor’. Enquanto nega, exclui e diminui o outro como vê a si mesma. No fundo, também carecem de um valor de si, de uma boa autoestima.

O sentimento de pertencimento ao grupo é um aspecto central no que se refere às imagens que o sujeito têm de si. Temos necessidade de nos adequar e responder ao grupo social de convivência para não sermos considerados diferentes. Nesse ponto, aceitamos as regras do jogo com medo da exclusão: “*Eu sou obrigada a usar roupas de marcas, mesmo não tendo dinheiro, para ser aceita no grupo*” (P, 13 anos, 5ª série) (CÉZAR, 2010, p. 123). Na verdade, a maior parte das vezes preferimos ser prejudicados, por não termos coragem de denunciar o que nos fere. Assim, busca-se uma boa imagem de si, que neste caso pode ser de uma vítima constante ou de valentão, não avaliando a questão dos valores morais e éticos (LA TAILLE, 2002) para se vivenciar as emoções sociais (FERRÉS, 2014) de forma menos conflituosas.

Não se pode falar de afeto, emoção e sentimentos sem considerar a dimensão da razão da mente humana quando se refere ao *bullying*. Relaciona-se com a tomada de consciência necessária a qualquer ação ética (DAMASIO, 1996). Essas crianças e adolescentes, ao se comportarem como agressores, no caso do *bullying*, não são capazes de elaborar um pensamento que contemple o outro, que não o negue, e acima de tudo, que aceite o outro do seu jeito, com suas diferenças e qualidades (MATURANA, 2002). Uma criança ou um adulto que não é capaz de respeitar o outro, que não tem esse movimento de acolhida e que de certa forma não mede as consequências dos seus próprios atos, tem dificuldades de aceitar a si próprio e a seus próprios sentimentos. A aceitação do outro engloba a aceitação das diferenças. Significa que é com o outro que esses meninos e meninas encontram outras formas mais equilibradas de resolver seus problemas, muitas vezes afetivos.

Outra explicação para a causa do *bullying* é a questão da imitação (FANTE, 2005). Guareschi (2012, p. 53) fala da inter-relação entre o eu e o outro. Sobre esse ponto, escreve que o nosso eu é constituído pelos outros, pelas relações que estabelecemos.” Segundo Jodelet (2002) a matéria primordial da produção de alteridade é a dimensão do outro e das relações com este outro. Por isso, a participação dos adultos pode influenciar na constituição de uma identidade frágil ou ainda para se sentir forte demais (TOGNETTA, 2009). Crianças e adolescentes que convivem com adultos violentos e autoritários aprendem a violência como valor, lembra Fante (2005). A convivência com a agressividade pode levar a pensar que é normal resolver os próprios problemas com violência e força física, legitimando a violência como forma de obter uma boa imagem de si.

Segundo alguns estudiosos do fenômeno, como Olweus (1998), Fante (2005) e outros, a prática de *bullying* pode ser ainda decorrente da carência afetiva, ausência da família por causa de empregos externos e/ou abandono por parte dela (omissão e negligência), ausência de limites, permissividade das crianças e da juventude de hoje. Com relação a última, dizem os autores, que essa deficiência impede as crianças de experimentarem as perdas necessárias de fazerem renúncias, podendo ser egocêntricas, ter a própria verdade, inflexíveis e incapazes de se colocar no ponto de vista do outro (TOGHETA, 2009). Podem ainda envolver-se em grupos de usos de drogas, adquirir vícios como álcool, fracassar e abandonar a escolar.

Também pode ser causa de *bullying* a convivência com adultos em casa ou na escola que impedem a expressão do que sentem e pensam. O conhecimento de si é o caminho para ir ao encontro do outro (FINZI, 2011). A experiência no âmbito escolar tem mostrado que quando não se tem direito de manifestar sentimentos, emoções e pensamentos, dificilmente as pessoas poderão ter condições de conhecer a si próprios e de gostar daquilo que são. Na percepção de Fante (2005), o aumento da violência é favorecido por vários fatores, como: o modo de afirmação dos pais, através de “práticas educativas”, como maus-tratos físicos, castigos corporais severos e exposição às inúmeras cenas de violência. Nas escolas, as punições, as humilhações, ofensas, indiferenças, gritos e ameaças utilizados por muitos adultos, até mesmo na frente dos outros, com a intenção de educar e formar moralmente os pequenos, ao contrário, humilham e provocam apenas a diminuição de chances de orquestrar os seus problemas.

Podemos situar ainda como causa do *bullying* as mídias, sobretudo, a internet, as redes sociais, com o denominado *cyberbullying*. Os comportamentos destrutivos encontram nessas redes sociais uma oportunidade de expansão, devido, em boa medida, às alterações emocionais produzidas pela dialética entre o componente de presença e ausência, tendo as emoções e os sentimentos como motores (FERRÉS, 2014).

Portanto, as consequências da conduta *bullying* afetam todos os envolvidos e em todos os níveis, podendo ser graves e irreversíveis, porém especialmente a vítima, que pode continuar a sofrer seus efeitos negativos muito além do período escolar. Por isso, tanto a vítima de *bullying* quanto o agressor precisam de ajuda. Por um lado, a vítima sofre uma deterioração de quem ela é, do conceito que ela tem de si. Por outro lado, o agressor sofre um grave estrago em sua escala de valores e, portanto, de seu desenvolvimento afetivo e moral.

Dispostas essas considerações sobre as causas e consequências do *bullying*, é necessário apontar algumas pistas para orquestrar o problema. Para isso, recorre-se aos escritos sobre as estratégias de intervenção e prevenção elaboradas por Cleo Fante no livro *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz* (2005).

3. Estratégias de intervenção para orquestrar as situações de *bullying*

Segundo Fante (2005, p. 91), “a intolerância, a ausência de parâmetros que orientem a convivência pacífica e a falta de habilidade para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar”. Por essa razão, algumas estratégias de intervenção podem ajudar esses meninos e meninas a orquestrar o problema do *bullying*.

Para que se possam desenvolver estratégias de intervenção e prevenção ao *bullying* nas escolas, é necessário que a comunidade escolar esteja consciente da existência do fenômeno e, sobretudo, das consequências oriundas desse tipo de comportamento. Apontamos algumas pistas que pensamos ser importantes para dar ritmo à convivência na escola e contribuir na construção da harmonia e melodia escolar.

Entretanto, nem sempre a escola marca o compasso da vida. O tom e a cor das emoções e sentimentos estão ligados à convivência e talvez seja por isso que as experiências se tornam inesquecíveis.

Tanto as positivas quanto as negativas. A escola tem se preocupado muito com a ordem, sem levar em conta o ritmo e a pulsação sentimental. Pauta-se no cumprimento das regras, da obediência, na adoção de comportamentos adequados, nas exigências, nas ameaças de punição ou de castigo. Não é exagero dizer que as pessoas que foram vítimas de castigos e punições por parte de seus pais e professores com frequência na vida adulta reproduzem esse comportamento. Nos relacionamentos, tem necessidade de dominar os outros ou serem dominados por eles como única condição de serem felizes. Em geral, não admitem erros, são inflexíveis, sua verdade é a única que importa. São indecisas, têm dificuldades em fazer escolhas. Não acreditam em seu próprio processo de evolução pessoal, interpessoal e profissional (TOGNETTA, 2009).

A conscientização e a aceitação de que o *bullying* é um fenômeno que ocorre, com maior ou menor incidência, em todas as escolas do mundo, são fatores decisivos para iniciativas bem sucedidas no combate à violência entre estudantes. Assim, o primeiro passo na identificação do *bullying* é uma análise da situação escolar, apontando dados que comprovem que na instituição se encontram vítimas e agressores de *bullying*. A pesquisa que Fante (2005) organizou a partir das pesquisas de Olweus (1998) pode servir de modelo. Ela elaborou um questionário para ser aplicado nas escolas aos educadores e educandos. O objetivo era fazer um levantamento preciso dos problemas enfrentados pelos estudantes. Esses podiam informar claramente se havia prática de *bullying*, que tipos de agressões, a frequência, os locais de maior ocorrência dos casos de *bullying* e os envolvidos com essa situação peculiar.

A ação da comunidade educativa é ajudar agressores e vítimas, separadamente através do diálogo, a refletir sobre seus comportamentos, sentimentos e emoções e, assim reconhecer as causas que os balizam e fomentam. De fato, requer-se visibilizar os pilares e não apenas agir sobre os sintomas visíveis e cotidianos. É preciso evitar nessa ação o recurso à violência, pois essas são as mesmas soluções que as crianças ou adolescentes têm apresentado ou sofrido. Fante (2005) sugere considerar a singularidade da pessoa, dando espaço aos sentimentos. Assim, a intervenção deve ser realizada sem agressões e intimidações, utilizando uma linguagem que não acuse e nem julgue, e tão somente descreva o que vemos e o que sabemos, a fim de desencadear uma reflexão por parte dos envolvidos. Fante (2005, p. 91) diz que “(...) atualmente, a matéria mais difícil da escola não é a matemática ou a biologia; a convivência, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida”, justamente, pela falta de harmonia entre emoção e razão. Ou ainda, como enfatiza Pelbart (2013, p. 29), as relações sociais vigentes nos levam a “(...) ser analfabeto das emoções”.

A essência do processo educativo é as práticas pedagógicas (FREIRE, 1996). Essas implicam o diálogo, que é a essência para a tomada de consciência do problema. Aquele requer ser uníssono, abrindo espaço para a expressão, o tom, o ritmo e o colorido de cada um. Implica antes superar por parte de alguns pais e professores a confusão do diálogo com extensos sermões, já que isso só acarreta a repetição de comportamentos agressivos, cooperando na ampliação do problema. A tomada de consciência deve partir da própria pessoa. É ela quem deve aprender comparar as possibilidades de orquestrar o problema, retomar os fatos ocorridos, antecipar as implicações de suas ações e, perceber que suas atitudes desafinam a harmonia da escola e assim, aceitar o outro.

O incentivo à violência por parte de alguns pais também necessita ser orquestrado nessa parceria. Infelizmente, alguns pais e familiares, cujas crianças são vítimas frequentes de violência na escola, incentivam seus filhos a baterem de volta, com dizeres: “se te bate, bate também”. É a lei de talião: “olho por olho, dente por dente”. Desse modo, incentiva-se o uso tanto da violência física quanto verbal na relação com seus agressores. A lei citada acena para uso da coragem, da força e da virilidade para a autodefesa, qualidades incentivadas pela sociedade.

Na condição de adultos formadores e responsáveis pela vida dessas crianças e adolescentes, temos a possibilidade de orquestrar o problema de forma mais evoluída, dando um melhor timbre e tom às relações escolares, superando, assim, as tendências de justiça retributiva, de revide à violência sofrida. Quando uma criança nos diz: “Ele me bateu (...) e eu vou bater nele também”, é necessário fazer a criança a se fazer a pergunta: “Este é o único caminho? Não há alternativa?” É importante levar a criança a se fazer

a pergunta, a tomar consciência de si, de seu valor e também despertá-la para outro tipo de defesa, não com recursos violentos, mas com o diálogo, na busca de ajuda. É preciso ajudá-la a perceber que é preciso encontrar outro jeito para resolver os seus conflitos e que bater nas pessoas não é a melhor alternativa. O sentido aqui tem mais a ver com as perguntas do que com as respostas. O sentido de quem fala há que buscá-lo mais no que a pessoa sente do que no que pensa (FERRÉS, 2014).

A discussão das relações na escola é de vital importância para se orquestrar os conflitos interpessoais (GUARESCHI, 2008) e superar as relações que negam a tonalidade e o colorido de cada um. Alguns autores chamam a atenção para a importância de nos colocarmos abertos ao diálogo e estabelecermos uma relação de confiança com as vítimas e agressores, auxiliando os envolvidos nas práticas de violência a encontrar caminhos para orquestrar o problema.

A relação de confiança é um fator central para orquestrar as formas de violência na escola. Ela tem como base o respeito mútuo e a convivência solidária. Implica o uso de linguagens por parte das autoridades, sejam pais, professores, gestores, que não ameacem, que não humilhem por castigos, ou quaisquer que sejam as atitudes relacionadas às punições e que ofereçam possibilidades de se conhecerem, de fazerem escolha, de serem responsáveis pelos seus atos e buscarem as soluções a serem realizadas, permitindo, assim, harmonizar as condutas “sem tom” de seus estudantes e filhos.

A relação de confiança estabelecida com os adultos é base para o sentir-se seguro para falar dos seus problemas. Essa relação poderá trazer muitos benefícios aos membros integrantes. Poderá garantir a participação afetiva dos envolvidos em situação de *bullying*, possibilitando que todos os componentes da orquestra educativa toquem em uma única nota, a nota do respeito e do amor ao outro (MATURANA, 2002).

Assim, nesse processo de orquestração, é necessário evitar práticas, tais como: na escola, deixar a criança sem recreio ou, em casa, sem televisão por castigo. Isso não ajuda, ao contrário, incrementa o problema. É necessário ajudá-la a pensar sobre o seu comportamento. Mais do que pensar, é preciso trabalhar o sentir (FERRÉS, 2014; DAMÁSIO, 1996).

Fante (2005) e Tognetta (2009) indicam como alternativas para a discussão das relações a formação de foros ou assembleias de classe. Esses podem ser organizados pelos professores, estudantes, envolvendo direta ou indiretamente os pais. Nesses momentos de diálogos, eles próprios podem refletir sobre seus comportamentos, apontando as soluções para orquestrar o *bullying*. Os estudantes devem ser convidados para pensar e falar das questões pertinentes para melhorar o trabalho, a convivência escolar e o respeito das questões apontadas pelos questionários, pensando nas possíveis soluções. Essas assembleias são o momento institucional da palavra e do diálogo e devem ter como objetivo identificar como as pessoas envolvidas nos problemas que foram apontados estão se sentindo.

A assembleia contempla o caráter dialogal. Considerando que, a assembleia, para Tognetta (2009), inclui a avaliação dos problemas da escola por parte dos professores, estudantes, gestores e pais, surge a possibilidade de se pensar os afetos e sentimentos, como proposta em favor das relações humanas. Assim, esse momento é vital, porque oferece possibilidade de se discutir as relações na escola, de pensar sobre aquilo que é humano, que nos torna iguais, sobre nossos sentimentos, percebendo como eles nos afetam no dia a dia. Esse é, sem dúvida, um exercício de cidadania (FERRÉS, 2014).

O sentimento de pertença é um fator vital que pode surgir dessa assembleia de classe. Infelizmente, uma grande parte dos estudantes e também dos professores de nossas escolas não experimenta o sentimento de pertencimento ao grupo que participa. Sente-se como estrangeiro em seu próprio espaço. Portanto, a orquestração do *bullying* exige o trabalho com os sentimentos e as emoções de meninos e meninas e de todos nós. A dimensão dos sentimentos e emoções foi muitas vezes esquecida tanto em sala de aula quanto na família e na sociedade. No campo da ciência empírica, ela foi menosprezada, quando não marginalizada, considerada como um perigo e danosa à razão (DAMÁSIO, 1996).

Permitir a abertura para se pensar sobre os sentimentos é reconhecer que as ações humanas são movidas por emoções que muitas vezes fogem do nosso alcance e que nos impedem de agir mais conscientes. Essa energia precisa ser canalizada em uma direção para se viver bem (FERRES, 2014). Portanto, se há interesse que esses meninos e meninas possam aprender a orquestrar seus próprios problemas e tornar a vida na escola afinada, mais harmônica, será necessário abrir oportunidade para que manifestem o que sentem, pensam, seus anseios, suas tristezas, suas raivas, suas emoções. Tanto em momentos de conflito quanto cotidianamente.

Faz-se necessário convidar os estudantes a falar do seu mundo emocional, dos próprios sentimentos, expressando o que gostam, o que não gostam, o que envergonha. Além disso, falar sobre o que os angustia, amedronta ou alegra. Nesse processo, vários recursos podem ser utilizados para ajudar, desde histórias que envolvam sofrimentos e situações de *bullying*, vídeos, filmes, textos dos próprios estudantes (FANTE, 2005). As sugestões não se esgotam aqui, cabendo a cada professor adequar conforme a necessidade e realidade de sua escola.

Os professores também precisam estar preparados para lidar com os sentimentos manifestados pelas crianças. Não precisam ser psicólogos/as, mas entender de gente, de ser humano. Esse é um risco que se corre. Por isso, precisam de formação para serem capazes de tratar de sentimentos em sala de aula, e de ajudarem a equilibrar as angústias, as tristezas, os medos infantis, os temores. Não resta dúvida de que é uma vital oportunidade para falar sobre o sentir, conhecer a dimensão da dor do outro (TOGNETTA, 2009).

Ao falar de si mesmas, as crianças têm possibilidade de se autoconhecerem e regerem seus sentimentos e emoções presentes e isso possibilita segurança para comunicarem sua situação aos mais próximos de si, como professores ou pais, adquirindo possibilidade de se autocontrolarem, gestarem e orquestrarem suas emoções e conflitos. Isso favorece o autoconhecimento, a tomada de consciência de sua existência e construção dos valores de si.

A harmonização das relações na escola deveria afrontar-se de acordo com o princípio das responsabilidades compartilhadas. Não é responsabilidade exclusiva do Estado, da escola, nem da família ou de amigos da escola. A harmonia no ritmo há de ser o resultado de uma intervenção responsável e coordenada de todos eles: professores, gestores, administradores, educandos, pais e funcionários.

Considerações finais

Para concluir, gostaríamos, ao final de nossas reflexões, de enfatizar dois pontos que julgamos especialmente importantes e que parecem pouco refletidos. Voltemos ao nosso título, tanto ao tema *bullying* quanto aos afetos.

É preciso dar atenção ao assim chamado *bullying*, que abarca todas as formas de violência, intimidação, relações de forças e que extrapola os muros da escola e tem repercussão no conjunto da sociedade. Para Paulo Freire, (1996) são as relações, mais do que qualquer conteúdo, que educam, por isso a importância de prestarmos atenção às nossas relações, se queremos uma educação verdadeiramente libertadora. Ele dizia que deixamos uma parte de nós mesmos com as pessoas com as quais estabelecemos contato. Como conteúdo da educação, o sábio autor destaca a prática pedagógica como matéria-prima do processo educativo. Precisamos prestar atenção nela, pois pode conter, em seu bojo, implicitamente formas de violência e autoritarismo que criam situações de sofrimento e angústia, impedindo a verdadeira solução dos problemas.

Necessitamos também compreender como funcionam nossas emoções e sentimentos. Esse conhecimento possibilitará “(...) alcançar o centro absoluto de si mesmo e encontrar a saída de si e, propiciar o encontro com o outro” (FINZI, 2011, p. 80). Como bem observou o autor, “(...) para

encontrar-se, tem que perder-se. Para avançar, para crescer, não servem as certezas. Nós temos de perder uma, dez, cinquenta vezes ao minuto para não ficarmos na pele das coisas. Quanto mais nos perdemos, mais portas abrimos” (*Idem*). Assim, a orquestração dos atos de *bullying* na escola implica a educação dos sentimentos.

Referências

- ABRÁPIA. *Bullying*. 2004. Disponível em: <<http://www.bullying.com.br>>. Acesso em 15 de Jul. 2008.
- CÉZAR, N. “*Bullying*: preconceito, estigmas e desafios da educação para a paz”. Mestrado de Educação, Universidade Federal do Mato Grosso, 2010.
- COSTANTINI, A. *Bullying, como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre jovens*. São Paulo: Itália Nova, 2004.
- DAMASIO, A.R. *O erro de Descartes: A emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus, 2005.
- FERRÉS, J. *Las Pantalhas y el cérebro emocional*. Barcelona: Gedisa, 2014.
- FINZI, D. Lo realmente necesario es abrazar y ser abrazado, en *La Vanguardia*, 17 12- 2011, p. 80.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GUARESCHI, P. A.; SILVA, M. R. *Bullying: mais sério do que se imagina*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- GUARESCHI, P.A. *Psicologia Social Crítica: como prática de libertação*. 5 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.
- JODELET, D. A Alteridade como produto e processo psicossocial. In: ARRUDA, Ângela (org.). *Representando a alteridade*. 2.ed, p. 47-67. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.
- LATAILLE, Y. *A vergonha: a ferida moral*. São Paulo. Ed. Vozes, 2002.
- MATURANAR., H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- OLWEUS, D. *Bullying at school*. Oxford USA: Blackwell Publishing, 1998.
- PELBART, P. *O avesso do Nihilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: N-1 edições, 2013.
- TOGNETTA, L. R. P. Violência na escola: os sinais de *bullying* e o olhar necessário aos sentimentos. In:
- TOGNETTA, L. R. P. *A formação da personalidade ética - Estratégias de trabalho com afetividade na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

Bullying and school environment: the necessary education

Abstract: This paper aims at analyzing bullying from the perspective of feelings. This article reports findings from a larger study which was carried out and concluded in the year of 2010 at Mato Grosso Federal University and entitled “Bullying: prejudice, stigmas and challenges of education for the peace”. At that time, school actors such as students, teachers, managers, employees and the families were asked to express their particular way of thinking about the bullying phenomenon in the school setting. This article discusses the importance of the education of feelings in the process of building of a more humanized school. Firstly, it is possible to define the concept of bullying, the characters involved and the way it presents itself in everyday school life, as well as its causes and consequences. Secondly, we point out some alternatives of intervention which involve all the educative community so that children and teenagers that suffer from or cause bullying are able to orchestrate and overcome their own feelings and emotions in the relationship they establish with the other. This article is based on the orchestra metaphor considering school as a big orchestra and educative community as conductor of its members' life.

Keywords: Bullying – Violence – Affection – Feelings – School

Bullying e ambiente escolar: a necessária educação do afeto e das afetações